

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Dicionário de História*

Class.: 26

Data: 13 de Novembro de 1988

Pg.: _____

Índios são contra a criação de colônias

Os índios do Acre enfrentam uma situação diferente. O Projeto de Proteção do Meio Ambiente e Comunidades Indígenas (Pomaci), do governo federal, prevê a criação não de reservas, mas de colônias indígenas. "A diferença é que nas colônias os índios ficarão confinados em pequenas áreas, e o resto de suas reservas serão consideradas reservas florestais", diz Terri Valle de Aquino, coordenador de indigenismo do Centro de Documentação do Estado. "Nessas reservas será permitida a extração de madeira" (através de técnicas de replantio). Além disso, Aquino reclama que o Pomaci ("uma farsa") deixa de fora "mais de 90% das áreas indígenas do Acre". "É um projeto feito em gabinete por quem não conhece", acha Aquino, antropólogo que há 13 anos trabalha com os índios. Ele tem medo também que o dinheiro do Pomaci seja desviado ou empregado em "elefantes brancos" — como grandes prédios de enfermaria e escola.

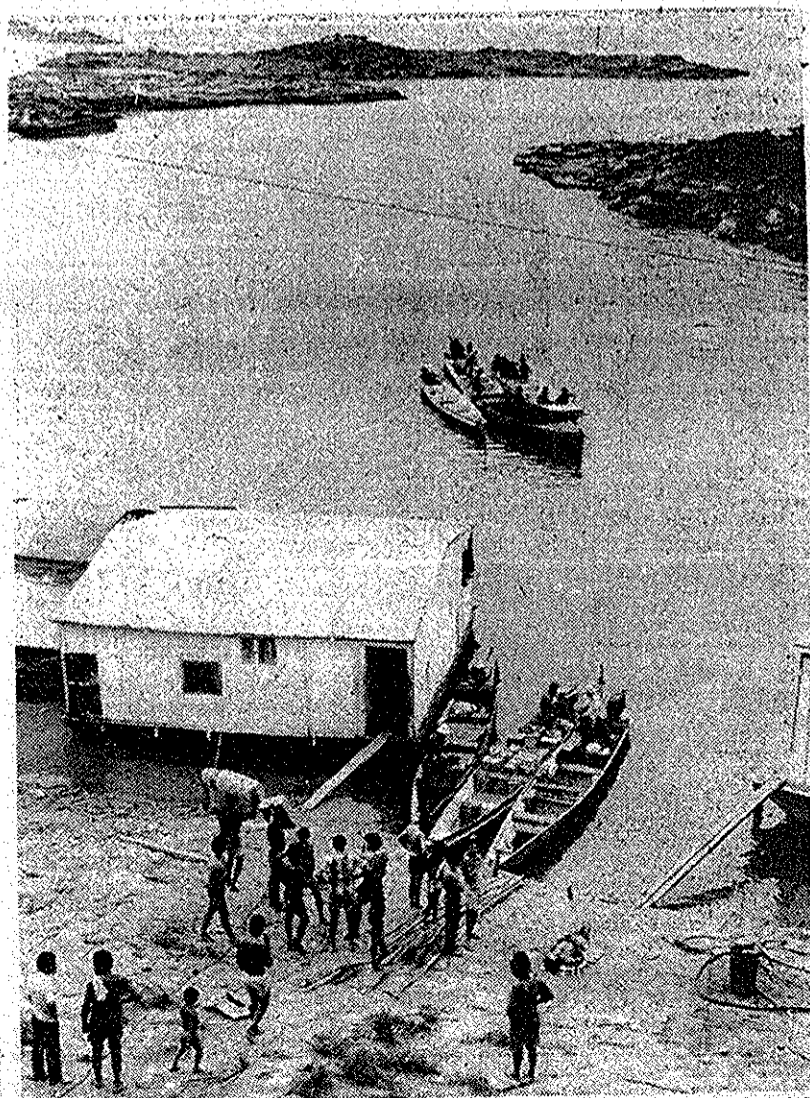
No Acre vivem perto de 15 mil índios, alguns ainda não-contatados, que promovem guerras e atacam mulheres de seringueiros, na fronteira com o Peru. Mas a maior parte deles, aculturados, está em 15 reservas. E revoltados, como revela José Uria, dos Mantineri-xaminauá: "Colônia significa terra muito pequena, ao redor da floresta nacional. Eles dizem que podemos andar pela floresta, mas não é assim. Começam a invadir, penetrando devagar, até tomar tudo o que existe". Uria diz: "Isso não entra na minha cabeça. É como empurrar a faca devagarinho, até chegar no coração". Ele avisa que haverá luta: "Os índios não vão aceitar a colônia. A gente pode morrer, a gente pode matar, mas nas reservas ninguém entra".

Em outra área do Pomaci — às margens da BR-364, entre a divisa com o Acre e a capital de

Rondônia, Porto Velho — o agressor da natureza é químico: o mercúrio, que contamina as águas do rio Madeira. Mas o predador é ainda o homem — milhares de garimpeiros que escavam o leito do rio dia e noite, em busca do ouro. No Buraco da Dor, um dos pontos de grande aglomeração, as dragas competem com as balsas. Com um braço mecânico para quebrar o fundo rochoso do rio as dragas produzem os fragmentos onde está o ouro, enquanto as balsas usam o mergulhador, tipo maluco que fica até seis horas no fundo do rio (dependendo da profundidade), sem enxergar nada, quebrando a rocha com uma marreta e muita prática. Muitos, à beira da morte, acabam levados com dores terríveis para uma câmara de descompressão, no hospital de base do Porto Velho.

Os fragmentos de rocha são retirados do rio por tubos que se assemelham a grandes aspiradores. Processado rusticamente, esse material vira areia misturada com ouro em pó. A massa de areia com o ouro é posta num grande balde, com o mercúrio. Com as águas do rio, o garimpeiro faz uma lavagem até ficar apenas com o mercúrio agregado ao ouro. Então, nas margens do Madeira, um maçarico tocado a bujão de gás libera o mercúrio, que se solta e vai parar nas águas do rio. "Daria para recuperar o mercúrio, mas aqui ninguém liga para isso", diz Raimundo Juvenal, dono de balsa. "Todos querem saber é do ouro", acrescenta.

Ninguém liga muito, também, para a vida. Há duas semanas, na entrada do garimpo, na barranca do rio, havia o corpo de um homem, com um filete de sangue escorrendo da cabeça. Alguma alma caridosa colocou umas velas em seu redor. Quem era? "Um ladrão", responde displicentemente um garimpeiro. "A lei do garimpo é essa. Roubou, morreu", diz ele.



Carlos Ruggi/AE

Garimpo Buraco da Dor: mercúrio no rio Madeira